

Um clube de oralidade na escola¹

O caso do *Pensar Alto*

Carla Marques²

Resumo

A oralidade, apesar de integrar os documentos curriculares, continua a ocupar um lugar secundário nas práticas escolares, frequentemente limitada a momentos de avaliação formal. Este artigo propõe a criação de um clube de oralidade como estratégia para promover o ensino sistemático da expressão oral em contextos reais e motivadores. A partir de uma fundamentação teórica que identifica os planos constitutivos da oralidade — linguístico, paralinguístico e cinésico — e as suas dimensões ensináveis, apresenta-se o percurso didático do clube *Pensar Alto*, desenvolvido ao longo de um ano letivo. Ao longo do artigo descrever-se-á uma experiência pedagógica concreta, estruturada em fases: diagnóstico inicial, desenvolvimento de competências específicas, preparação de apresentações e realização de um evento público em formato *TEDx*. Os resultados evidenciam melhorias significativas na confiança, expressividade e eficácia comunicativa dos alunos, bem como uma maior consciência dos elementos que compõem a comunicação oral. Destaca-se o potencial dos clubes de oralidade para ultrapassar as limitações do ensino formal, proporcionando um espaço de aprendizagem ativa, personalizada e centrada no aluno. A preparação para situações reais de comunicação revela-se particularmente eficaz na mobilização das dimensões multimodais da oralidade. Conclui-se que a implementação de clubes de oralidade nas escolas representa uma oportunidade valiosa para o desenvolvimento integral dos alunos, promovendo competências essenciais para a vida académica, profissional e cívica.

Palavras-chave: oralidade, expressão oral, ensino secundário, didática, clube escolar, comunicação pública.

Abstract

Oral communication, despite being integrated into curricular documents, continues to occupy a secondary place in school practices, often limited to moments of formal assessment. This article proposes the creation of an oral communication club as a strategy to promote the systematic teaching of speaking in real and motivating contexts. Based on a theoretical foundation that identifies the constitutive planes of orality—linguistic, paralinguistic, and kinesic—and their teachable dimensions, the didactic path of the "Think Aloud" club, developed over an academic year, is presented. Throughout the article, a concrete pedagogical experience will be described, structured in phases: initial diagnosis, development of specific skills, preparation of presentations, and holding a public event in the *TEDx* format. The results show significant improvements in students' confidence, expressiveness, and communicative effectiveness, as well as greater awareness of the elements that make up oral communication. The potential of speaking clubs to overcome the limitations of formal education is highlighted, providing a space for active, personalized, and student-centered learning. Preparing for real-life communication situations proves particularly effective in mobilizing the multimodal dimensions of orality. It is concluded that the implementation of orality clubs in schools represents a valuable opportunity for the holistic development of students, promoting essential skills for academic, professional, and civic life.

Keywords: Orality, oral expression, high school education, didactics, school club, public communication.

¹ Artigo sobre o tema de uma oficina realizada no 15.º ENAPP, em 12 de abril de 2023.

² Ciberdúvidas e CELGA-ILTEC, Univ. de Coimbra.

1. Introdução

Oralidade e, em particular, a expressão oral são domínios de relevo secundário nas práticas escolares. Refém de quadros programáticos muito extensos, a escola tem, por tradição, privilegiado o ensino da literatura e da escrita, considerando, assim, que o espaço a dedicar à oralidade terá necessariamente de ser reduzido e remetido para segundo plano.

A estes fatores acrescem ainda a influência retroativa da avaliação externa, as práticas de ensino instaladas, o saber didático partilhado, tudo convergindo para que, na escola, o domínio da oralidade tenha um tempo de desenvolvimento muito reduzido e que, por vezes, corresponde quase exclusivamente aos momentos de avaliação formal, o que nos permite afirmar que, não raro, na escola não se ensina oralidade, avalia-se oralidade.

É neste contexto que o desenvolvimento de atividades de aprendizagem e consolidação de práticas de oralidade fora da sala de aula ganha particular relevo, podendo a criação de um clube de oralidade ser assumida como um espaço para a promoção de capacidades e saberes que no espaço-aula são secundarizados ou mesmo esquecidos.

No presente artigo começaremos por abordar a natureza da oralidade, dando particular atenção ao domínio da expressão oral com vista a assinalar os seus planos constitutivos. Pelas suas características estruturantes, estes planos incluem várias dimensões que poderão ser consideradas como objeto de ensino, o que, na sua globalidade, contribuirá para o desenvolvimento mais estruturado e completo da competência de falar em público. Refletiremos, de seguida, sobre as potencialidades didáticas associadas à criação, na escola, de um clube de oralidade e concluiremos com a apresentação de um percurso possível para o desenvolvimento, ao longo de um ano letivo, das atividades de um clube de oralidade conducentes a um momento de apresentação oral pública formal num evento real. Nesta linha, identificaremos os passos que poderão ser seguidos, desde as atividades de diagnóstico ao momento da apresentação final e realçaremos as mais-valias para a aprendizagem do oral que serão propiciadas pelo desenvolvimento do percurso.

2. Planos do oral e suas dimensões ensináveis

A oralidade é um dos domínios que integram os documentos de referência curricular. Tal deve significar que a abordagem didática da oralidade deve partir da identificação das suas dimensões ensináveis, que serão trabalhadas explicitamente no sentido de proporcionar o desenvolvimento pleno da capacidade de falar em público, entre outras (Dolz & Schneuwly, 2011, Marques, 2025, 2022a). A escola deve também privilegiar a oralidade pública e formal porque nesta área será mais difícil que o aluno consiga desenvolver um processo de autoformação. Esta opção não deverá, todavia, ser considerada na educação pré-escolar e no 1.º ciclo ou com alunos em situação de aprendizagem do português como língua estrangeira ou como língua não materna.

Ainda que os documentos curriculares não assentem numa conceção explícita das várias dimensões envolvidas num ato de comunicação oral, é importante que, para o seu tratamento numa perspetiva de ensino-aprendizagem, se parta da noção de que a oralidade é um fenómeno multimodal composto por três planos primários (linguístico, paralinguístico e cinésico) e por planos secundários que envolvem a situação de produção do texto, o contexto físico (local de produção, momento, interlocutores, distância física entre eles, aspetos exterior do comunicador...) e o contexto sócio-subjetivo (espaço social da produção, posição social do locutor e interlocutores, objetivo da interação...) (Dolz & Schneuwly, 2011, Marques, 2025, 2023, 2022a, 2022b). Em conjunto, estes domínios contribuem para a semiótica global de cada ato comunicativo ou produzem uma semiótica específica que se acrescenta à mensagem linguística veiculada no decurso da comunicação oral (Dolz & Schneuwly, 2011; Zani *et al.*, 2020; Marques, 2025).

Entre os planos primários, encontramos o plano linguístico, que integra o material textual veiculado pela comunicação e cuja apresentação se molda, habitualmente, a um determinado género textual, formal ou informal, de natureza monologal ou dialogal (Bronckart, 1996; Dolz & Gagnon, 2015; Marques, 2025). A associação do texto a um determinado plano de texto implicado pelo género textual selecionado facilita a comunicação, colabora na construção de significação e responde ao objetivo comunicativo que motiva a produção

textual. Por esta razão, é importante que a escola trabalhe explicitamente géneros textuais selecionados, considerando aspetos como o plano de texto, o léxico, questões de coesão e coerência ou estratégias de interação com os interlocutores (Dolz & Schneuwly, 2011; Marques, 2025).



O domínio paralinguístico é outro dos planos constitutivos da oralidade. No âmbito do seu desenvolvimento, a escola pode tratar com particular interesse as áreas da dicção e da prosódia. A primeira envolve as questões relacionadas com a pronúncia das palavras e a articulação das sílabas, que depende da produção acústica no plano fisiológico. Já a prosódia envolve o domínio suprasegmental no âmbito da acentuação das palavras e da entoação frásica, envolvendo ainda aspetos como a ênfase, o ritmo e as pausas (Gagnon & Dolz, 2016; Zani *et al.*, 2020). Ao conferir materialidade ao texto, o plano paralinguístico assume uma importância central porque vai constituir a forma como se diz algo, o que contribui para a mensagem e que, por essa razão, é material ensinável (Marques, 2025).

Por fim, a oralidade compreende o plano cinésico, que abarca a linguagem corporal associada à produção de significação. Neste plano, distinguimos a postura, a gestualidade e o olhar. No quadro do plano cinésico, é particularmente importante considerar que a escola deve trabalhar os elementos somáticos e os elementos semióticos. Os primeiros estão relacionados com os estados emocionais desencadeados pela situação de exposição pública e evidenciam uma panóplia de sentimentos que vão do medo ao nervosismo. São manifestações que produzem significação, que normalmente prejudica a intenção associada à comunicação verbal, pois introduz ruído ao produzir mensagens distintas da intenção do texto e que, por essa razão, devem ser trabalhadas. Os segundos, os semióticos, têm a capacidade de produzir uma semiose específica que tanto pode acompanhar o fluir do discurso como realçar segmentos textuais. A sua conversão em conteúdos ensináveis contribui para a riqueza e equilíbrio da comunicação oral (Marques, 2025).

A escola deve ainda considerar na sua didática planos secundários como intenção comunicativa, as características do auditório, o contexto comunicativo, o espaço e o tempo, a disposição dos elementos da sala, a iluminação, o vestuário e o aspeto exterior do locutor, entre outros, um conjunto de elementos secundários que integram o ato de oralidade e que condicionam ou complementam as dimensões linguística, paralinguística e cinésica, que terão de se ajustar à especificidade de cada produção oral. Deste modo, é importante que cada um destes planos seja explicitamente tratado e explorado em sala de aula (Galvão & Azevedo, 2015; Marques, 2025).

O conceito de oralidade coloca em destaque o facto de a sua didática específica ter de agregar conteúdos relacionados com os diferentes planos primários e secundários para que, de facto, possa propiciar o desenvolvimento pleno da competência de falar em público em contextos formais tanto monológicos como dialogais.

3. Potencialidades de um Clube de Oralidade

Os clubes escolares têm, em Portugal, uma longa tradição de atuação em diferentes áreas. São espaços que oferecem aos alunos a possibilidade de expandir o seu saber, de alargar conhecimentos a domínios não privilegiados pelo currículo ou de desenvolver as suas capacidades em contextos práticos de saber-fazer.

No caso particular da oralidade, a criação de um clube pode abrir o espaço para a promoção de atividades de comunicações orais em contextos reais, como palestras, encontros, espaços de apresentação oral, segundo o formato *TED Talk*, entre outros. Modelos de comunicação desta natureza envolvem naturalmente todos os planos secundários da oralidade, que, deste modo, não precisam de ser simulados em sala de aula, o que condiciona de forma muito positiva o desenvolvimento dos planos primários (Marques, 2022b).

Deste modo, as atividades de um clube de oralidade propiciam naturalmente a abordagem sistemática de todas as dimensões ensináveis do oral sem colocar o enfoque apenas na dimensão textual, para além de permitirem situações de experimentação individuais acompanhadas pelo professor e com *feedback* imediato, o que conduz a um processo de desenvolvimento pessoal muito eficaz e significativo.

Não raro, estas condições funcionam também como motivação para o desenvolvimento da capacidade de falar em público, evidenciando ainda a importância dos planos linguístico, paralinguístico e cinésico. O



desejo de que a comunicação oral a apresentar a um dado público possa ser bem sucedida oferece aos alunos que frequentam um clube de oralidade a motivação que desencadeia um trabalho consistente e empenhado.

A preparação de apresentações que ocorrerão em contextos reais de comunicação envolve um conjunto de aspetos muito pertinentes para o processo de ensino-aprendizagem da expressão oral, pois cria naturalmente objetivos de comunicação explícitos (diferentes dos típicos relacionados com a avaliação formal, que dominam em sala de aula), permite a consideração de um público real, não abstrato e traz seriedade e responsabilidade associadas a uma atividade desenvolvida fora do ambiente protegido da sala de aula.

A criação de contextos reais permite ainda determinar qual o (ou os) género textual mais ajustado e explorar a sua organização em vários domínios, associando-lhe o trabalho dos planos cinésico e paralinguístico, que se colocarão ao serviço da intenção comunicativa de cada orador participante no evento.

4. Percursos de um clube de oralidade – o caso do *Pensar Alto*

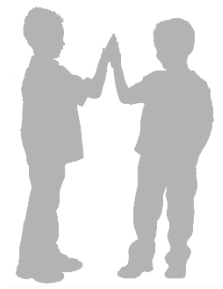
A organização das atividades de um clube de oralidade assume como uma das suas mais-valias o facto de permitir a todos os alunos o desenvolvimento individual das suas capacidades de comunicar em público. Por esta razão, a planificação das atividades a desenvolver poderá ter em consideração quer a preparação de um evento final que enquadre as apresentações públicas quer as necessidades específicas de cada aluno.

A primeira fase do percurso de um clube de oralidade pode passar pelas atividades de diagnóstico, que permitem conhecer as reais capacidades de cada aluno e as suas dificuldades específicas. O diagnóstico deve centrar a sua observação em aspetos dos três planos da oralidade (linguístico, paralinguístico e cinésico) em que os alunos revelam maiores dificuldades. É típico que, numa fase inicial, os problemas associados ao plano cinésico sejam muito evidentes (colocação das mãos, postura corporal, movimentos imotivados...). No plano paralinguístico, o ritmo e o volume da voz são muito frequentemente aspetos menos positivos. Já no plano linguístico, a organização dos momentos textuais e a seleção de tópicos a tratar costumam ser áreas em que os alunos precisam de evoluir. Identificadas as dificuldades que transversalmente se destacam e assinaladas as mais evidentes do ponto de vista individual, é importante planificar sessões em que se incida especificamente nestas dimensões, por forma a que os participantes no clube tomem consciência das áreas em que a sua prestação é menos satisfatória e invistam no aperfeiçoamento individual. É possível, por exemplo, criar exercícios em que se procure anular a gestualidade inexpressiva ou que permitam uma consciência das características da voz que não funcionam expressivamente.

Após terem sido trabalhadas as manifestações que introduzem ruído na comunicação ou que manifestam estados de espírito, como a ansiedade ou a insegurança de cada orador, poder-se-á avançar para a exploração de possibilidades cinésicas e paralinguísticas que se revelam significativas para uma apresentação oral, tais como o estudo dos gestos neutros ou de destaque ou as possibilidades expressivas associadas às modulações da voz. No plano textual, é também o momento de contactar com o plano de texto típico do género (ou géneros) escolhidos para o evento final.

No decurso das atividades de preparação dos aspetos referentes aos três planos da oralidade, pode dar-se início à definição dos aspetos que caracterizarão a situação de comunicação do evento final e à seleção do tema aglutinador. No caso do *Pensar Alto*, tratou-se de um evento de oralidade desenvolvido ao longo de vários anos, que foi concebido como uma atividade com lugar fora do espaço escolar (no auditório de uma Fundação), aberto à comunidade envolvente, em formato *TEDx*. No decurso do *Pensar Alto*, cada aluno teria direito a uma apresentação de cerca de 5 minutos, subordinada ao tema globalizante, o que permitia o tratamento de diferentes subtemas e a adoção de diferentes géneros textuais (com destaque para o texto oral de opinião e para a palestra sobre um tema). No final, o público poderia intervir e colocar questões aos oradores.

Após estas duas fases iniciais, as atividades do clube podem avançar para a preparação da apresentação de cada aluno. Neste momento, os alunos deverão ser orientados para a fase de pesquisa e de seleção de ideias a apresentar / defender. Será igualmente pertinente definir com o grupo os géneros textuais a mobilizar no evento, dando, de novo, particular atenção ao plano de texto, uma vez que tal permitirá orientar a pesquisa efetuada e ajudará, de seguida, a organizar ideias. Esta será também uma boa oportunidade para dar início à chuva de ideias que conduzirá à preparação de um momento de abertura para cada texto oral, que desencadeie a atenção do público e o motive a prestar atenção à apresentação de cada aluno. Na fase de preparação, é muito importante que se preste uma atenção particular ao momento inicial de cada texto, pois o impacto deste momento determina, não raro, o sucesso de toda a apresentação. Esta parte inicial funciona também, como um desencadeador da motivação e da confiança do próprio orador, que encontra nesta estratégia um recurso para combater os medos e a ansiedade que poderão condicionar a sua prestação.



À medida que a concretização de ideias avança e os alunos estabilizam o género de texto que vão desenvolver (sendo os mais frequentes, como se disse, a palestra e o texto de opinião), o acompanhamento por parte do professor passará a ser individual, pois cada apresentação será única. Esta fase permitirá o tratamento das dificuldades específicas de cada aluno, associadas aos três planos da oralidade e permitirá explorar possibilidades expressivas e comunicativas associadas aos planos da comunicação oral. Poder-se-á, por exemplo, definir os momentos em que a voz destaca uma ideia ou trabalhar os silêncios como estratégia de gestão de atenção ou de curiosidade ou ainda o ritmo associado a uma significação particular. Em termos cinésicos, é possível marcar os movimentos do orador e explorar a gestualidade expressiva, que permitirá sublinhar ideias fundamentais ou acompanhar o texto e o seu ritmo, contribuindo para uma semiose que dialoga com o texto oral. No plano textual, para além da particular atenção ao momento de abertura de que se falou atrás, é também importante verificar o respeito pelo plano de texto, a coerência das ideias, a marcação (com conectores, por exemplo) dos vários momentos do texto e a seleção lexical, entre outros aspetos que se possam revelar pertinentes.

O conhecimento do auditório será também um aspeto importante a ter consideração na preparação da situação comunicativa (enquanto plano secundário da oralidade). Será a antecipação dos valores, dos universos de referência ou das expectativas do público que permitirá definir, por exemplo, os argumentos mais eficazes, no caso do texto de opinião, ou a necessidade de alargar ou aprofundar determinados aspetos a tratar, no caso da palestra. Para além disso, o conhecimento do espaço físico onde decorrerá o evento é também importante como forma de gerir aspetos cinésicos ou paralinguísticos, por exemplo.

No decurso da preparação, deve definir-se igualmente se a apresentação oral se realizará com um suporte (*Power-point*, *Prezi*, vídeo, música ou outro). Em caso afirmativo, o suporte escolhido deverá ser articulado com a apresentação no sentido de não anular a presença do orador, que não se deve limitar a ler o que consta de um slide ou a colocar demasiado texto numa apresentação. O equilíbrio entre o conteúdo presente no suporte e a apresentação oral é fundamental para se buscar o sucesso do orador.

Numa fase já mais próxima do evento, será o momento de realizar ensaios, nos quais o orador simula a sua apresentação, com o objetivo de aperfeiçoar os vários componentes da oralidade e de permitir aos participantes o desenvolvimento dos sentimentos de segurança e de confiança. Nesta fase, os alunos deverão já ter consciência de que não poderão ler o seu texto, pois tal tirará expressividade e reduzirá as potencialidades comunicativas da apresentação. É importante que o professor ensine os alunos a elaborar cartões de apresentação que contenham apenas as ideias-chave, palavras/expressões que permitem o encadeamento dos diferentes momentos ou informações de rigor (uma percentagem, os resultados de um estudo, uma citação...). O ensaio será também a oportunidade de explorar a expressividade característica de cada participante (como uma variável individual, que distingue cada aluno dos restantes), na procura de formas eficazes de estabelecer a interação com o público e de veicular as ideias que se pretende apresentar.

5. Notas finais

As potencialidades de um clube de oralidade sublinham a ideia de que a criação de um espaço de dedicação exclusiva à oralidade permite desenvolver e aprofundar a competência da expressão oral de forma substantiva, completa e com resultados positivos muito evidentes, inclusive em alunos que manifestam dificuldades de vária ordem em atividades que envolvem o ato de falar em público.

Ao longo dos vários anos de desenvolvimento do projeto de oralidade *Pensar Alto*, foi possível concluir que o enquadramento que ele cria proporciona, antes de mais, as condições ideais para que os alunos ultrapassem problemas relacionados com os sentimentos negativos associados ao medo da exposição pública e que se revelam, não raro, impeditivos das atividades que envolvem exposição pública. Para além disso, o facto de as atividades do clube visarem a preparação para uma situação de comunicação real permite desenvolver um percurso que considera todos os eixos do contexto comunicativo e que a ele se adapta, não se resumindo a um momento de apresentação oral quase acético, porque resultante de um exercício escolar centrado quase exclusivamente na construção textual. As atividades de oralidade reais revelam-se mais motivadoras e envolvem um grau de tensão mínima, que, bem gerido, conduz os alunos a apresentações mais eficazes e de maior sucesso.

As atividades promovidas num clube de oralidade, ao longo de um ano letivo, permitem também o desenvolvimento mais detalhado e coerente dos vários planos constitutivos da oralidade, criando espaço para que o professor conceda a devida atenção a várias dimensões ensináveis do oral, que se revelam fundamentais para uma comunicação de sucesso.

A promoção de um clube de oralidade na escola é uma oportunidade que abre a possibilidade de ultrapassar o facto de, nas aulas de português, o tempo disponível para o desenvolvimento da oralidade ser muito limitado, permitindo, assim, à escola a concretização de uma das suas mais importantes missões: a preparação integral dos cidadãos para a vida ativa.

Referências bibliográficas

- Bronckart, J.-P. (1996). *Activité langagière, textes et discours: pour un interactionisme socio-discursif*. Delachaux et Niestlé.
- Dolz, J., & Gagnon, R. (2015). O gênero de texto, uma ferramenta didática para desenvolver a linguagem oral e escrita. In L. Bueno & T. C. Costa-Hübes (Org.), *Gêneros orais no ensino* (pp. 23-56). Mercado de Letras.
- Dolz, J., & Schneuwly, B. (2011) O oral como texto: como construir um objeto de ensino. In B. Schneuwly & J. Dolz, *Gêneros orais e escritos na escola* (3.^a ed., pp. 125-155). Mercado de Letras.
- Gagnon, R., & Dolz, J. (2016). Corps et voix : quel travail dans la classe de français du premier cycle du secondaire ? *Le français aujourd'hui*, 4(195), 63-76.
- Galvão & Azevedo Galvão, M. A. M.; Azevedo, J. A. M. (2015). A oralidade em sala de aula de língua portuguesa: o que dizem os professores do ensino básico. *Revista Filologia e Linguística Portuguesa*, 17(1), p. 249-272.
- Marques, C. (2025). *Contributos para uma conceptualização do oral*. [no prelo]
- Marques, C. (2023). Práticas de oralidade no ensino: do texto ao contexto. *Revista Entreletras* (Araguaína), 14(1), 132-147.
- Marques, C. (2022a). Expressão oral: entre a avaliação holística e a avaliação analítica. *Revista Palavras*, 58-59, 43-53.
- Marques, C. (2022b). Estratégias de apresentação de opinião em alunos de ensino básico e secundário: a abertura e a introdução. *Veredas: Revista de Estudos Linguísticos - O lugar da oralidade em sala de aula: práticas de ensino escola à universidade*, 26(1), 226-246.
- Zani, J., Bueno, L., & Dolz, J. (2020). As dimensões ensináveis do gênero textual “a comunicação oral em eventos científicos”. *Letras* (UFSM), 1 (Edição especial), 349-370.